



David Zanotti (centro) comprou um dos primeiros carros na época da imigração



Casa italiana pertencente à família Ziviani, em Caldeirão, Santa Teresa

Retrato de uma imigração

Livro do escritor Renzo Grosselli, que será lançado em Vitória e Santa Teresa, conta em detalhes o processo da imigração italiana no Estado

RODRIGO PRADO

Não foram meses, mas anos de muito trabalho, inclusive aqui no Estado, para transformar em livro uma pesquisa minuciosa, cheia de análises críticas, sobre a imigração italiana no Estado.

O resultado dessa longa jornada história adentro será conhecido hoje, às 17 horas, no Salão São Thiago, no Palácio Anchieta, durante lançamento de “Colônias Imperiais na Terra do Café”, de Renzo Grosselli.

O livro será lançado em comemoração aos 135 anos da imigração italiana no Espírito Santo e a

sua importância fez o Senado providenciar a impressão de mil exemplares para distribuir em bibliotecas e arquivos nacionais.

Amanhã, às 19 horas, acontecerá um segundo dia de lançamento, na Câmara Municipal de Santa Teresa, onde o autor, que é italiano de Trento, receberá o título de cidadão honorário teresense.

Em 534 páginas, Renzo explorou todo tipo de pesquisa: entrevistas gravadas, reportagens de jornais e revistas, livros em diversos idiomas e documentos de bibliotecas e arquivos públicos, inclusive o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, entre outros.

Fotos também ilustram a obra,



Venda de imigrantes em Santa Teresa por volta de 1900

mostrando como era a vida dos imigrantes do século XIX ao início do século XX no desbravamento de terras capixabas.

Para Cilmar Franceschetto, diretor-técnico do Arquivo Público do Espírito Santo, o livro de Ren-

zo é o mais importante sobre o tema do ponto de vista científico.

A obra, segundo ele, preenche uma grande lacuna na historiografia, porque é um tema ainda pouco abordado. “São poucos os livros que tratam do assunto.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Douglas Puppini, Máximo Zandonadi e Lucílio da Rocha, entre outros, já fizeram trabalhos extremamente significativos sobre a imigração italiana, mas com um foco mais popular”, destacou.

Conforme explicou Renzo, em entrevista ao AT2, muitas questões ainda precisam ser respondidas: “Qual o papel da mulher, da religião e dos intelectuais na imigração?”, “Como era o relacionamento entre italianos e escravos nos primeiros 15 anos da imigração?”, “Como era a relação entre italianos e capixabas na roça?” e “Quando os italianos começaram a se meter com a política aqui?”.

SERVIÇO

Evento: Lançamento do livro “Colônias Imperiais na Terra do Café”

Autor: Renzo Grosselli
Quando: Hoje, às 17 horas, no Salão São Thiago, no Palácio Anchieta (Praça João Clímaco, Cidade Alta); e amanhã, às 19 horas, na Câmara Municipal de Santa Teresa
Ingresso: Entrada franca nos dois dias de lançamento

“Crise poderia forçar italianos a emigrarem de novo”

AT2 – O processo de pesquisa para o livro foi árduo?

Renzo Grosselli – Trabalhei um ano nos arquivos trentinos e de Roma. Trabalhei ainda meses e meses no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Aos sábados e domingos, eu ia a Santa Teresa ou Alfredo Chaves, os lugares dos trentinos-capixabas, para gravar entrevistas, tomar cachaça e comer uma carniinha com polenta. Fiquei pouco mais de seis meses aí. Depois, voltando para a Itália, levei mais alguns meses para organizar o trabalho e outros para escrever.

– De que forma a imigração italiana ajudou a moldar ou mudar o perfil dos capixabas?

– A cultura dos trentinos era baseada nos valores da família, do trabalho firme e da religião católica. Os trentinos, vênets, lombardos e piemonteses que chegaram aí também tinham capacidades artesanais e não queriam voltar à pobreza na Itália.

– Qual foi a maior contribuição dos imigrantes ao Estado?

– A visão do futuro: trabalhar firmes para o desenvolvimento.

– E a maior dificuldade que encontraram na adaptação?

– Não ter perto os únicos intelectuais que o camponeses reconheciam: os padres católicos. Depois, com certeza, a maior dificuldade foi que na mata brasileira quase não havia sociedade. Tudo, ou quase tudo, tinha de ser feito em Santa Teresa, Colatina ou Alfredo Chaves.

– Como os italianos veem hoje a emigração dos seus antepassados para cá?

– Muita gente conhece a história através dos livros que eu e outros pesquisadores escrevemos. Outros ouviram falar dos velhos. Muitos não sabem de nada e não querem saber. Agora, quem conhece a história dos emigrantes acha que foi uma aventura grande, que eles foram valentes e trabalhadores.

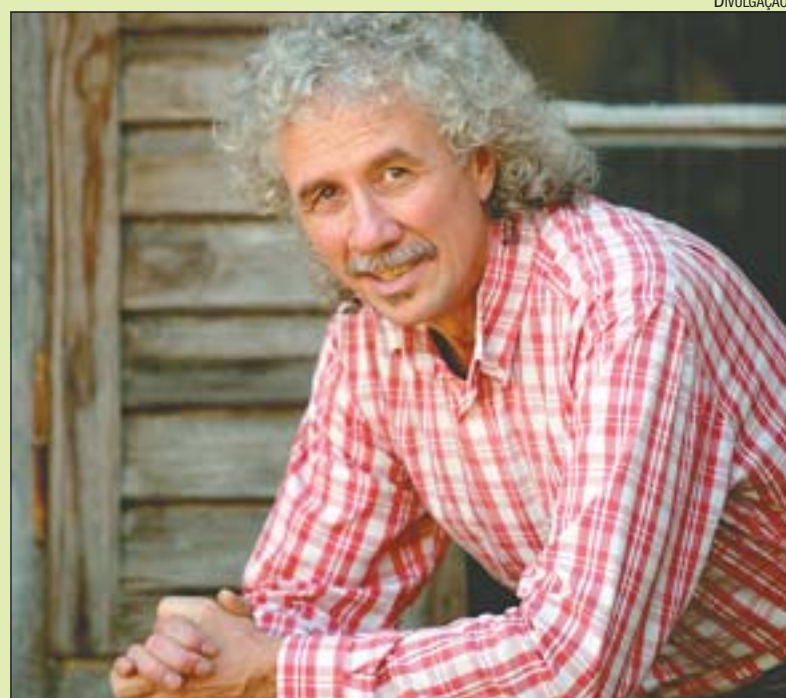
– Em tempos de crise, qual a possibilidade de uma nova emigração para cá?

– O capitalismo internacional está vivendo uma fase de crise aguda. Ninguém sabe onde iremos parar. Uma nova imigração em massa já tem na Europa: da África, da Ásia e também da América Latina. Mas não dá para adivinhar o futuro. A crise poderia forçar os italianos a emigrarem de novo. Talvez da Itália do sul, que não encontrou um equilíbrio econômico-social.

– Se acontecesse, de que forma se daria hoje essa emigração?

– Não seria simples mão-de-obra barata, mas técnicos ou, ao menos, trabalhadores especializados. Mas me parece que o Brasil já tem mão-de-obra de sobra e, por isso, não vai haver necessidade de imigração nas próximas décadas.

– Qual a diferença do seu livro para outros trabalhos sobre



Renzo Grosselli veio da Itália para lançar livro no Estado

a imigração italiana no Estado?

– Meus trabalhos têm duas características sobre outras: uma, eu procuro documentação de várias tipologias (documentos de arquivos, memória oral, fotografias, diários e cartas); outra, busco documentação nos dois

lados do oceano, Itália e Brasil.

– Além dos italianos, quais imigrantes colaboraram para uma nova formação capixaba?

– Os alemães e os poloneses, principalmente. Mas fala-se também de suíços e até de chineses.

DIVULGAÇÃO